

Uma cama para três

Yolanda Reyes

BARCO  A VAPOR



Ilustrações Ivar Da Coll

Tradução Marcos Bagno

Temas abordados Medos na infância: medos noturnos, pesadelos, medo de escuro, medo de ficar sozinho • Relação entre pais e filhos

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série branca nº 22
48 páginas

André está naquela fase em que tem medo de dormir sozinho. Quando a mãe o põe na cama, ele lhe pede para contar histórias e a enche de perguntas, adiando ao máximo a hora de ficar sozinho. Sozinho não, já que um dragão sempre se infiltra em seus sonhos, fazendo-o acordar sobressaltado. Buscando resguardar a intimidade conjugal, os pais não cedem aos apelos do filho para dormir com eles, até que, em uma noite muito fria, eles descobrem que medo não tem idade.

A AUTORA Yolanda Reyes nasceu em Bucaramanga, Colômbia, em 1959. Estudou Ciências da Educação, com especialização em Literatura, na Universidad Javeriana de Bogotá e pós-graduação em Língua e Literatura Espanhola no Instituto de Cooperación Iberoamericana de Madrid. Desde muito pequena se interessou por literatura e hoje é educadora e autora infantojuvenil premiada, com trabalho reconhecido internacionalmente. Entre seus livros publicados estão *El terror de sexto B* (1995) e *María de los Dinosaurios* (1998). Atua em um projeto de formação de leitores, o Espantapájaros, do qual é fundadora e diretora, e dirige a Nidos para la lectura, uma coleção de literatura infantil da editora Alfaguara (Colômbia).

O ILUSTRADOR Ivar Da Coll nasceu em Bogotá, Colômbia, em 1962. Ilustrador autodidata, começou a se interessar cedo pelas artes. Aos 12 anos, entrou em um grupo de teatro de títeres de sua escola, criando cenários, bonecos e também atuando. Trabalhou em diversos espetáculos e, em 1983, iniciou a carreira de autor e ilustrador de livros, representando por três vezes seu país na lista de honra do IBBY (The International Board on Books for Young People), com os livros *Torta de cumpleaños* (1990), *Hamamelis, Miosotis y el señor Sorpresa* (1996) e *Pies para la Princesa* (2004). Em 2000, foi indicado ao prêmio Hans Christian Andersen e entrou na lista White Ravens da IYL (International Youth Library), com o livro *¡No, no fui yo!*.

Mergulhando na temática

MEDO NOTURNO

Os pesadelos e medos noturnos, como o de escuro, são muito comuns, especialmente entre seis e oito anos de idade, podendo estender-se até os dez. Essas manifestações sintomáticas estão relacionadas ao desenvolvimento psicossocial e afetivo. Nesse período, tais temores estão muito ligados ao medo de crescer. É a fase em que a criança está se desligando da relação de maior dependência dos pais, tornando-se mais autônoma e fortalecendo laços sociais. As razões para os pesadelos e medos noturnos podem estar associadas a questões edípicas ou corresponder a projeções de agressividade. Os pesadelos também estão ligados às atividades diurnas e a maior ou menor ansiedade e frustração vividas no dia. Vale lembrar, ainda, que nessa etapa escolar as crianças começam a vencer o desafio da alfabetização, o que para algumas gera muito desconforto e demanda grandes esforços.

O apoio e a compreensão dos pais são fundamentais para que o filho possa atravessar essa fase sem grandes sofrimentos. Os pais são figuras importantes na superação do medo da noite, do escuro e de dormir sozinho no quarto. São eles que podem dar segurança e acolhimento para que a criança expresse seus medos. Uma boa maneira de ajudá-la é ouvir, isto é, deixá-la contar seus pesadelos. Dar nome e cara para o medo também é uma boa solução, pois, na medida em que o simboliza, a criança deixa de ter uma reação passiva a seus temores e tem chance de enfrentá-los. ▶

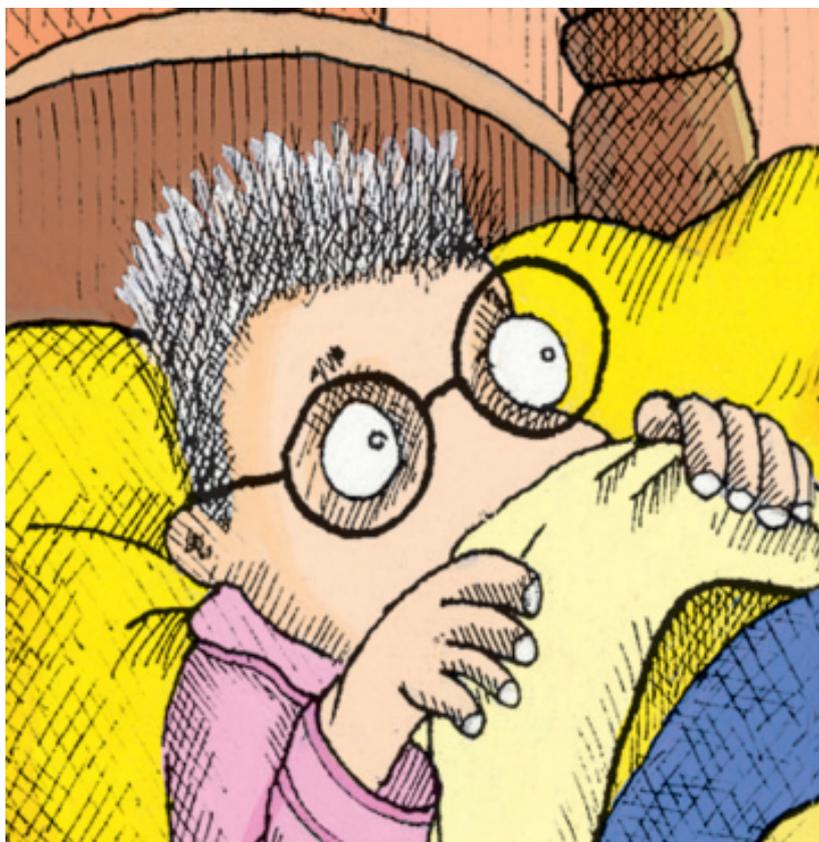
INTERPRETANDO O TEXTO

HISTÓRIAS PARA DORMIR E ESPANTAR DRAGÕES

“Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...” (p. 17). Eram essas as palavras usadas pela mãe de André para encerrar a história que contava-lhe antes de ele dormir. Ou melhor, com que tentava encerrar as inúmeras histórias que contava, pois André se recusava a dormir sozinho em seu quarto, havia muitas semanas, por causa do medo do dragão que aparecia em seus sonhos, toda noite, transformando-os em pesadelos.

O **medo noturno** é um fenômeno natural e esperado entre seis e oito anos de idade. Françoise Dolto (1908-1988), importante psicanalista francesa, chega a afirmar que “os pesadelos são um fato banal por volta dos sete anos; eles são mesmo necessários”.

É a partir desse dado de realidade, comum na vida de boa parte das crianças nessa faixa etária, que Yolanda Reyes construiu essa história bem-humorada sobre medos e pesadelos.



* Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.



É o que acontece na história *Uma cama para três*, em que o medo de André ganha a cara de um dragão que se intromete em seus sonhos, transformando-os em pesadelos. No entanto, a principal questão que o livro nos coloca é: seria uma solução para esse problema deixar a criança dormir na cama dos pais? E mais, isso de fato a ajudaria?

A maior parte dos terapeutas discorda da solução dada pela família de André. Para esses profissionais, a criança deve se identificar com seu quarto. Ao seguir para a cama dos pais, ela pode se envolver com outros sentimentos e questões edipianas com os quais talvez não consiga lidar, aumentando ainda mais sua angústia. O recomendável é dar-lhe limite e ajudá-la a reconhecer seu quarto como um ambiente próprio e seguro. Para os terapeutas, essa é a melhor maneira de fazer com que ela enfrente os medos, colaborando para seu desenvolvimento psicossocial.

No entanto, como diria a mãe de André, “a coisa não é tão simples assim”; essa é uma questão muito complexa para ter uma única solução. O mais importante é os pais compreenderem a fase que o filho está atravessando, permitindo que se expresse acolhendo-o – em sua cama ou não.

Para saber mais:

DOLTO, Françoise. *As etapas decisivas da infância*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VÁRIOS. *Compreendendo seu filho*. Rio de Janeiro: Imago, 199 -. (Coleção da Clínica Tavistock)

WINICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

André procura alongar o dia para não ter de enfrentar a noite e os temores que ela traz. Com efeito, é durante a noite que começam os problemas de toda a família: a intromissão rotineira do dragão nos sonhos do menino faz com que ele vá procurar socorro no quarto dos pais, demandando sempre a mesma coisa: “– Posso dormir com vocês?” A resposta tornou-se de praxe: “– Nem sonhando!... Não tem lugar para os três” (p. 26).

Ao tratar de um tema tão comum na infância, o mérito da autora desse livro é fazê-lo com leveza, graça e crítica, mas sem cair em clichês e chavões de autoajuda. Alguns elementos são fundamentais para isso, como a fisionomia brincalhona do dragão, que nos faz pensar em um personagem bonzinho, carente e solitário, e a reviravolta na solução do conflito, quando o pai de André recebe a visita do dragão em seus sonhos e também fica muito assustado. Além disso, há a crítica que a autora coloca na fala da mãe de André em relação à professora Morales, especialista em pesadelos, quando esta afirma: “– Três na cama? Isso é muito ruim! – opinou ela. – Se deixarem uma noite, vai ficar para sempre”. Ao que a mãe retruca: “– Dá para ver que essa professora só entende de aulas. A coisa não é tão simples assim” (p. 29). Sem dúvida, a vida é bem mais complexa quando se trata de medos e pesadelos, que não permitem uma solução única nem mesmo ideal.

O final da história reforça essa ideia, pois até o dragão quer dormir naquela cama em que não cabiam os três e que, agora, na fala do pai de André, tornou-se “gigantesca” (p. 38). Por que, então, não haveria lugar para quatro?



UMA CAMA PARA TRÊS, QUATRO, CINCO...

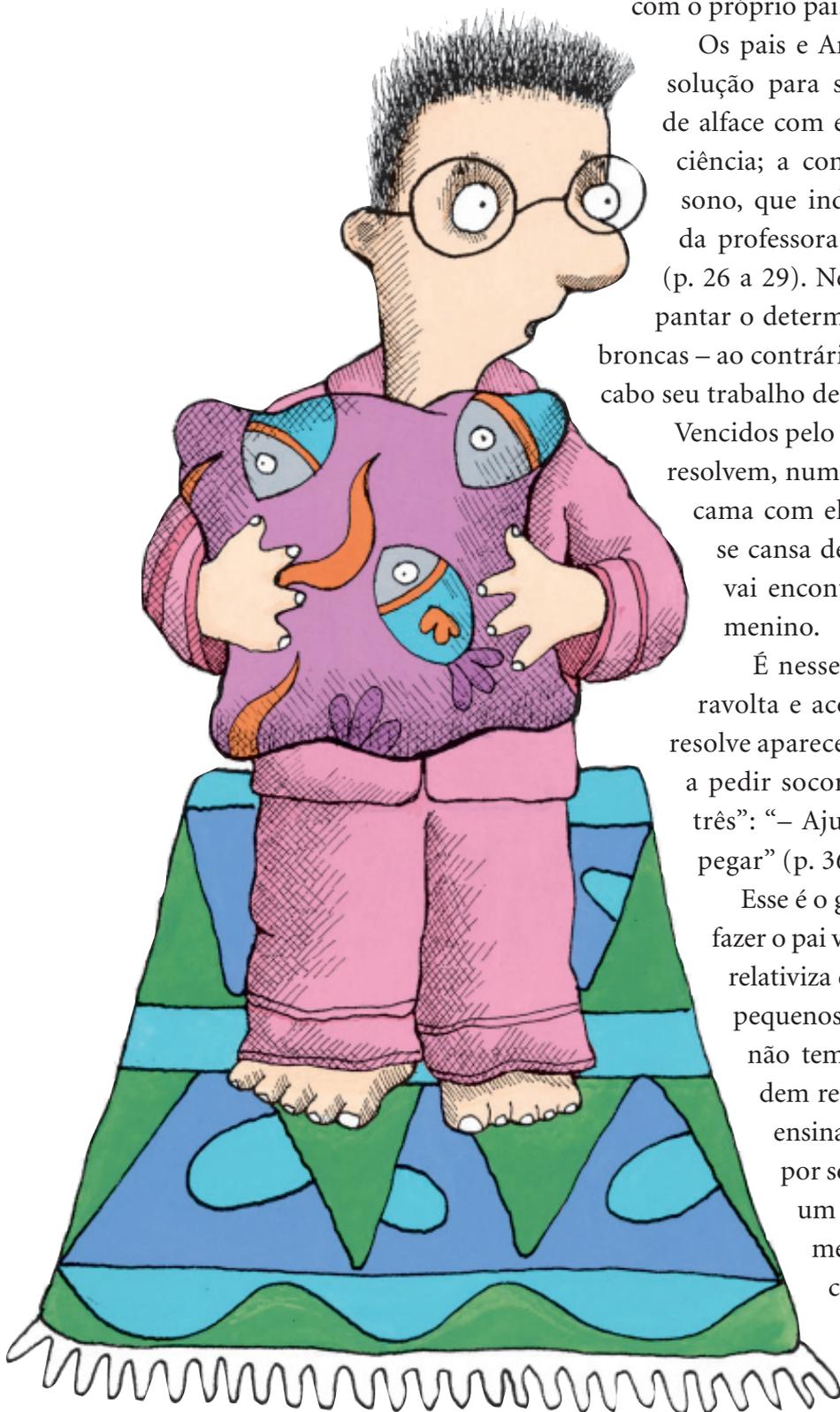
Yolanda Reyes oferece com essa história uma grande oportunidade, por meio da literatura, de discutir com as crianças esse fenômeno que afeta a maioria delas. *Uma cama para três* é um livro que lhes possibilita dar uma cara para o medo, ao mesmo tempo que permite relativizá-lo e possivelmente amenizá-lo, na medida em que André vai compartilhar seu “medo noturno” com o próprio pai.

Os pais e André experimentam várias tentativas de solução para seu problema: a receita caseira do chá de alface com ervas da avó; a ingestão do floral Impaciência; a consulta ao doutor Astro, especialista em sono, que indica um xarope; e a ida ao consultório da professora Morales, uma sumidade em pesadelos (p. 26 a 29). Nenhuma delas, no entanto, consegue espantar o determinado e “terrível” dragão, que não teme broncas – ao contrário, até as adora – e está decidido a levar a cabo seu trabalho de assustar.

Vencidos pelo cansaço, os pais de André, amedrontado, resolvem, numa noite fria e chuvosa, deixá-lo dividir a cama com eles. No meio da noite, entretanto, o pai se cansa de ser empurrado pelo filho e decide que vai encontrar sossego para seu sono na cama do menino.

É nesse momento que a história dá uma reviravolta e acontece o inesperado: o teimoso dragão resolve aparecer no sonho do pai, que, assustado, corre a pedir socorro para os que ficaram na “cama para três”: “– Ajudaaaaa! Socorro! Aí vem ele para me pegar” (p. 36).

Esse é o grande traço diferenciador da história. Ao fazer o pai vivenciar o mesmo medo do filho, a autora relativiza essa assustadora experiência e mostra aos pequenos leitores que esse espantoso sentimento não tem idade, que os dragões da infância podem retornar a qualquer momento. Além disso, ensina-lhes que pedir ajuda é essencial; gritar por socorro é tudo o que se tem a fazer quando um dragão bate à porta. Não ter vergonha do medo e poder compartilhá-lo é a grande receita para começar a vencê-lo.



O HUMOR

Para o ensaísta Massaud Moisés, especialista em literatura portuguesa e brasileira, a tendência é considerar o humor uma categoria estética indefinível. Não à toa, estetas, filósofos, psicólogos, historiadores, antropólogos e até médicos dedicaram-se a estudá-lo. O certo é que o riso é “um traço humano universal” e não há “comicidade fora daquilo que é propriamente humano”, como afirma o filósofo francês Henri Bergson (1859-1941) em sua obra *O riso*. Há também quem determine o riso como uma forma de libertação do sofrimento e um meio de obter prazer. Por isso, a comicidade está de algum modo relacionada ao sonho, à imaginação e à disponibilidade infantil para a brincadeira e o lúdico.

Na literatura, o riso é força criadora de vários gêneros literários, como a sátira, a farsa e a comédia, presentes em diferentes épocas e contextos.

Embora indefinível esteticamente, o humor, em suas diversas representações, carrega alguns elementos que lhe são característicos, como a repetição, a inversão e a transgressão de normas sociopolíticas.

Na história de Yolanda Reyes, encontramos esses traços de humor tanto na repetição do problema de André, acordando todas as noites com medo, como nas tentativas mal-sucedidas de solução – as repetidas idas a especialistas e a ingestão de chás e medicamentos.

No entanto, o humor ganha seu ponto alto nessa história ao apresentar os elementos da inversão, com o pai vivenciando o mesmo medo do filho, ►

O pai não só reconhece o medo, mesmo envergonhado, como também reavalia suas opiniões sobre o tamanho e o conforto da cama, que de agora em diante poderá, eventualmente, ser compartilhada por três.

A família só não esperava que, morto de frio, o dragão viesse de madrugada ao quarto, concluindo: “Se na cama cabem três, cabem quatro... Por que não?” (p. 38).

Nós, leitores, também não esperávamos tão inusitado desfecho! Com certeza, ao terminar a história, a dúvida do dragão é também nossa reflexão.

QUEM RI POR ÚLTIMO RI MELHOR...

A opção pelo **humor** é sem dúvida um grande achado nesse livro. Não há nessa história sobre o medo lugar para o terror, e sim para a graça e o riso.

E não é que não se leve a sério o medo noturno de André por causa de seus pesadelos. Desde o início da história, a mãe do menino assustado faz de tudo para acalmá-lo. Com as mil e uma histórias que conta ao filho, encompridando-as ou detalhando-as, como uma Sherazade moderna, ela visa unicamente fazê-lo adormecer. Na história de Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, ela percorre mentalmente todas as prateleiras do supermercado para listar o conteúdo da cesta que a menina levava para a avó, só para estender seu tempo ali com o filho (p. 18 a 21).

A repetição e o exagero, elementos característicos do cômico, são recorrentes e aparecem nessa história de diferentes maneiras. Uma delas é a escolha de palavras ou expressões hiperbólicas, superlativas, como “aborrecidíssima”, “furiosa”, “desesperada”, “tremendo de medo”, “dragão feroz”, “cama gigantesca”; outra é a criação de situações inusitadas, entre elas o fato de a mãe ficar rouca de tanto contar histórias e a procura da solução para o problema, isto é, os remédios e as consultas com personagens tão diversos.

São muitas as situações engraçadas nessa história sobre o medo. Vale destacar, sobretudo, um traço clássico do cômico: a quebra da expectativa. Não há como não se divertir com a reviravolta que a história traz no encontro do pai com o dragão e seu apelo para voltar à cama de casal, agora, necessariamente, para três. Esse fato inesperado, somado à intromissão final do dragão, comprova que é possível falar com as crianças, de maneira leve e bem-humorada, sobre situações difíceis. O humor no livro é revigorado pelas ilustrações minuciosas e hilárias de Ivar Da Coll. Da última página da

▶ e da transgressão das normas, com a permissão que lhe dá de dormir na cama do casal.

A autora joga magistralmente com o inesperado, a reviravolta, para criar um mundo às avessas e nos fazer rir do medo. Com certeza, ela atenderá às expectativas de seu público leitor, que não resistirá a entrar na brincadeira.

Para saber mais:

BERGSON, Henri. *O riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

história, guardamos, não sem sorrir, a última imagem: a família dormindo profundamente e o olhar matreiro do dragão, que não deixa dúvidas sobre sua próxima ação.

AS IMAGENS A FAVOR DO RISO

Em um de seus artigos sobre a infância, “Visão do livro infantil”, em *Reflexões sobre a criança, o brincar e a educação*, o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) afirma que, diante de um livro ilustrado, a criança entra na história, como quem adentra um palco. Pelas imagens, aprendem ao mesmo tempo a linguagem oral e a escrita. Benjamin faz assim uma relação direta entre as linguagens verbal e visual. É o que acontece nesse livro, em que as ilustrações contam a história para as crianças antes mesmo da palavra escrita.

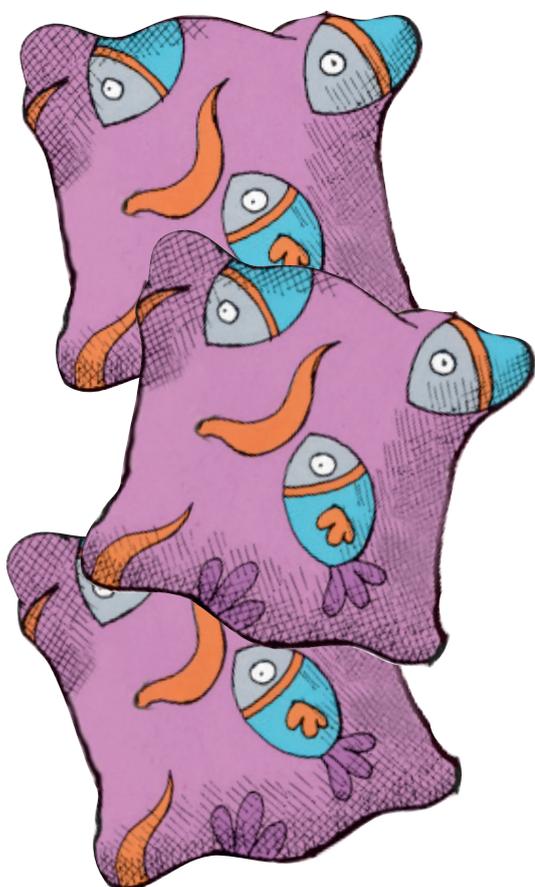
Logo nas primeiras páginas, há duas pequenas figuras que, de maneira sutil, apresentam os personagens principais da história: o dragão e André. Por elas, pode-se perceber a relação entre os dois apenas pela expressão dos olhos: os do menino estão assustados e os do monstro são perscrutadores e ressabiados.

Aliás, essa é uma das características das ilustrações desse livro: o detalhamento e a sutileza, aliados a um traço de humor e pilhéria.

Para a faixa etária a que *Uma cama para três* se dirige (a partir de 6/7 anos), as imagens são fundamentais para a compreensão do que se lê; elas não são mera decoração da narração verbal. As ilustrações conversam com o texto e ajudam a contar a história. Também as crianças contam com elas para compreender melhor o que diz o texto.

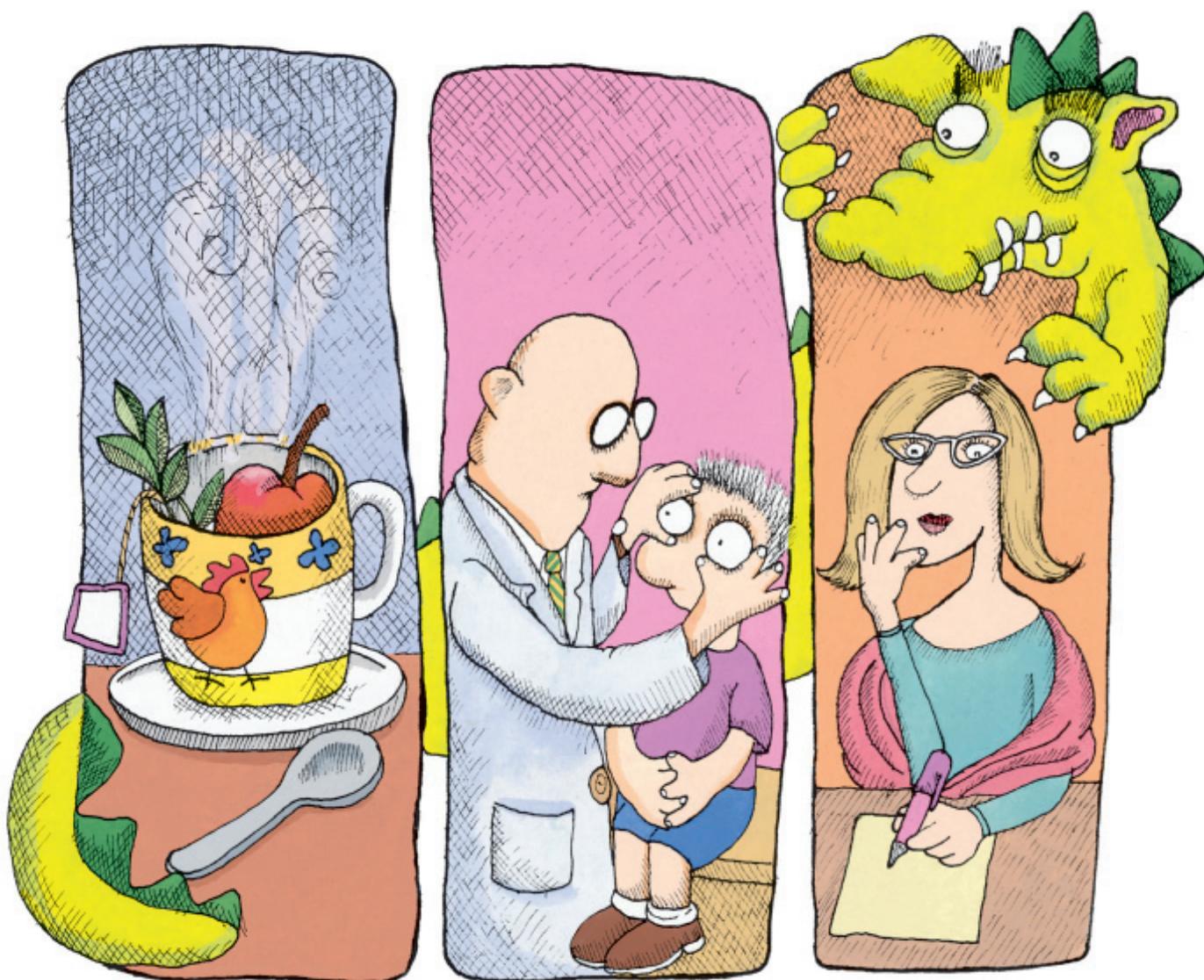
Por isso, a atenção do ilustrador aos detalhes é importante para criar sentidos: vale observar os objetos sobre os criados-mudos (em um, a água e o remédio; no outro, o livro), identificando a mãe e o pai; as almofadas, que aparecem ora no quarto, ora na mão de André, e são companheiras do menino; o intenso colorido dos lençóis, do edredom, das almofadas, das cortinas, entre outros, como se quisessem alegrar o medo.

A parte inicial do livro traz uma imagem, ocupando duas páginas inteiras, que antecipa seu desfecho. Nela, André, seu pai, sua mãe e o dragão dormem aconchegadamente na cama que deveria ser só para dois. Ocorre aí, por meio dessa ilustração, uma antecipação, que é um grande recurso da narrativa para criar expectativas no leitor, para deixá-lo curioso pela história e seu desfecho.



Há também a simulação de movimentos, como a sopa que respinga do pote, explicitando o nervosismo de André antes de dormir (p.15), e o cuidado especial do ilustrador com as expressões faciais, notadamente, os olhos. Observá-los é o que basta para identificar a braveza da mãe (p. 23) e do pai (p. 26), o medo de André (p. 25) e a esperteza e a falsa ingenuidade do dragão (p. 24).

Todos esses aspectos apontados no trabalho com traços e cores das imagens estão ligados ao exagero, elemento fundamental para a criação e a expressão do humor. Nas figuras dos personagens esse trabalho se apresenta bastante caricatural, o que também reforça o lado cômico da história. Sem dúvida, as cores, os traços e as palavras de *Uma cama para três* são igualmente responsáveis pelo tom bem-humorado do texto. As imagens de Ivar Da Coll, em harmonia com o caráter da história, nos fazem rir do medo.



DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

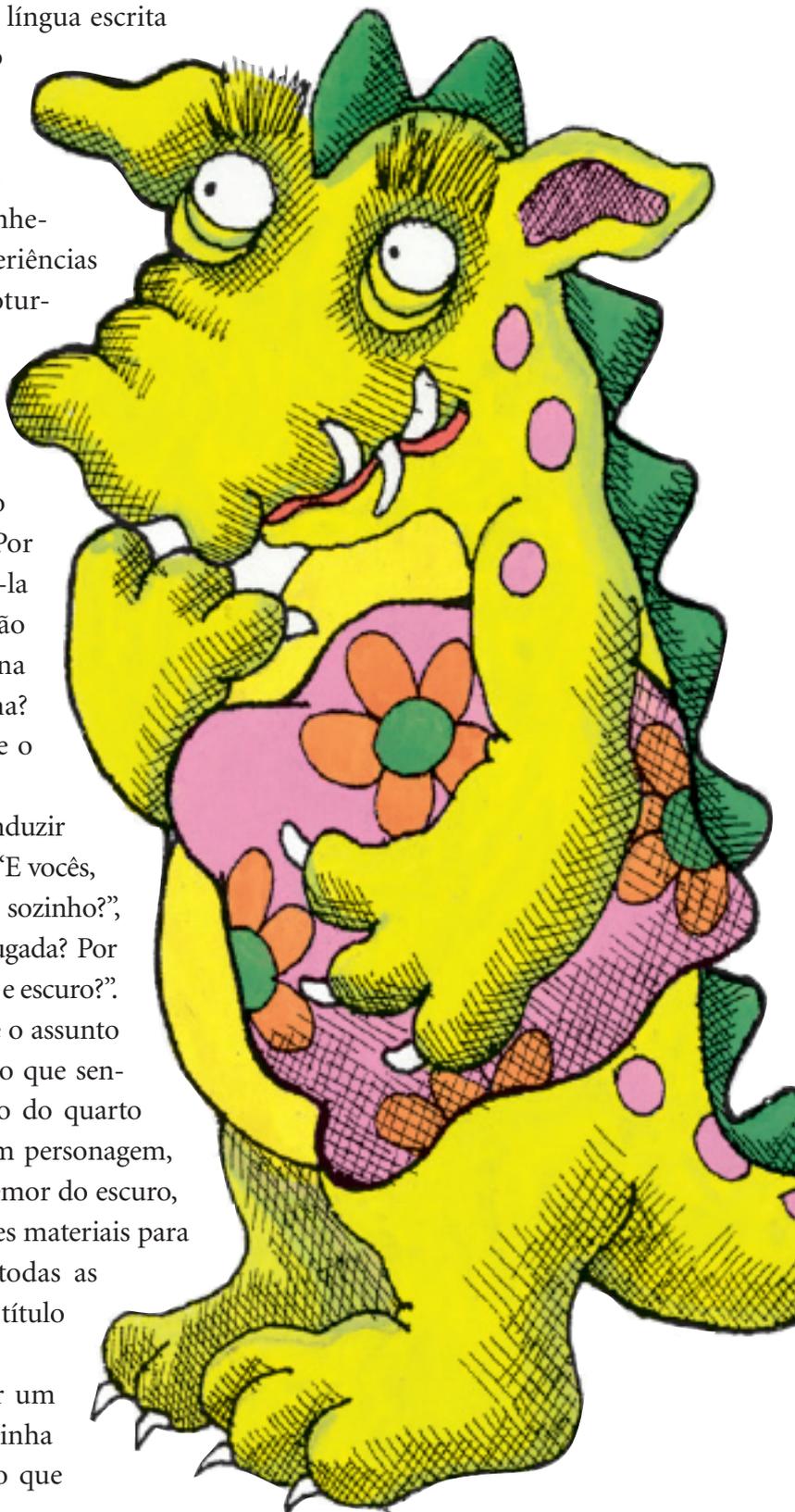
A maneira de propor a leitura de um texto a um grupo de crianças que estão iniciando sua aventura na língua escrita determina muitas vezes se os objetivos serão alcançados. É fundamental motivar os alunos, despertando a curiosidade para o livro por meio da observação das ilustrações e do levantamento de perguntas que revelem conhecimentos prévios, possíveis vivências e experiências das crianças em relação ao tema: os medos noturnos – medo de escuro, de ficar só, de dormir sozinho.

No caso de *Uma cama para três*, vale explorar a imagem da capa, pois ela apresenta não só os personagens principais, como também a situação-problema da história. Por meio de perguntas diretas, é possível analisá-la levando as crianças a deduzir qual é a situação retratada ali. Por que os três estão dormindo na mesma cama? O que faz o dragão nessa cena? O que acham da expressão facial dele? O que o dragão está pensando ou quer nos dizer?

Quando as crianças falarem em medo, conduzir as perguntas para suas vivências sobre o tema: “E vocês, têm medo da noite ou à noite?”, “Quem dorme sozinho?”, “Alguém já foi para a cama dos pais na madrugada? Por quê?”, “Qual o temor de vocês quando está noite e escuro?”.

Deixar que as crianças falem bastante sobre o assunto e só então expor a proposta: desenhar o medo que sentem ou o que imaginam encontrar no escuro do quarto quando as luzes se apagam. A ideia é criar um personagem, como o dragão da história, que represente o temor do escuro, de estar sozinho à noite. Providenciar diferentes materiais para o desenho e fazer um mural na sala com todas as caras do medo. Pedir à turma que atribua um título ao mural.

Ao final, introduzir a história: “Vamos ler um livro sobre um menino, chamado André, que tinha medo de dormir sozinho. Vamos descobrir o que aconteceu com esse medo?”.



DURANTE A LEITURA

No processo de leitura feito em voz alta pelo professor, com bastante entonação e mudanças de voz para marcar bem os diferentes personagens, chamar a atenção das crianças para as palavras e expressões com as quais se conta a história e descrevem-se os personagens, tais como: “aborrecidíssima”, “furiosa”, “desesperada”, “tremendo de medo”, “dragão feroz”, “cama gigantesca”, entre outras, que dão um tom de exagero ao texto. Propor, então, um jogo aos alunos, pedindo que se lembrem de palavras ou expressões como as da história que acabaram de ouvir. Listá-las na lousa e depois pedir que copiem. Ou, para aqueles que ainda não estão alfabetizados, o professor pode copiá-las em folhas grandes e colocar no mural, ao lado das caras de medo que os alunos desenharam. A ideia é formar um repertório do grupo de palavras e imagens relacionadas ao tema do medo, que depois poderá ser utilizado na produção escrita ou oral, proposta ao final da leitura.

Ao ler o livro em voz alta, o professor deve pedir às crianças que acompanhem a leitura no livro e observem as ilustrações, fazendo comentários sobre elas: o que mostram? Que outras informações trazem? O que reforçam? É importante fazer a mediação do aluno com o texto, incentivando as interpretações pessoais, instigando-o a perceber o diálogo constante entre palavra e imagem.

Em outro momento da leitura, chamar a atenção para o fato de a mãe contar histórias para André antes de ele dormir. Perguntar: “Conhecem as histórias citadas no livro (Cachinhos de Ouro e Chapeuzinho Vermelho)?”, “Seus pais também contam histórias para vocês antes de dormir? De quais se lembram?”. Propor que as crianças tragam as que ouvem dos pais para recontá-las aos colegas, em uma roda de contação de histórias. Lembrá-las do mote que a mãe de André usava para finalizar as histórias que contava: “Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra” (p. 17). E assim cada criança vai dando a palavra a outros contadores de histórias na roda.



DEPOIS DA LEITURA

Para fazer um fechamento da leitura, retomar a ideia inicial sobre o medo e o fato de ele ter uma cara. Pedir às crianças que observem os desenhos no mural. Chamar a atenção para os que têm aparência de monstros, seres horríveis e assustadores. Rer também as palavras exageradas, hiperbólicas ou superlativas que eles lembraram a partir do texto.

Depois, instigar os alunos a levantar outros sentimentos e/ou atitudes que poderiam ser retratados pela imagem de um monstro. Fazer uma lista na lousa. Esse é o momento para apresentar outros títulos que tratem do tema, como *Gustavo e os medos*, de Ricardo Alcântara (Edições SM, 2004); *O monstro peludo*, de Henriette Bichonnier (Edições SM, 2009); *Pequeno manual de monstros caseiros*, de Stanislav Marijanovic (Companhia das Letrinhas, 1998); *O monstro que adorava ler*, de Lili Chartrand (Edições SM, 2009). Ler algumas descrições dos monstros desses livros em voz alta, aquelas que forem mais adequadas ao grupo e à faixa etária.

Para terminar, fazer uma proposta de produção de texto oral ou escrito (para os que já dominam melhor a escrita). Pedir que escolham um medo ou outro sentimento qualquer entre os que estão na lista feita pelo grupo e criem um monstro para ele. Depois de feito o desenho, os alunos descreverão o personagem, seguindo o modelo dos títulos apresentados. É importante que, durante a produção escrita ou oral em sala, um dos textos desses livros de monstros fique projetado ou escrito na lousa para que os alunos sigam como modelo. Essa atividade pode se desdobrar, ao final, em uma exposição de monstros, com votação para eleger qual o melhor personagem criado e qual o melhor texto. No caso de produção textual oral, fazer a votação logo depois da conversa.

É importante que a conclusão do trabalho seja uma atividade prazerosa, para que o aluno guarde ao final do processo de leitura uma sensação gostosa, que o estimule a ler outros livros. Vale lembrar que, principalmente nessa faixa etária, estamos formando leitores e despertar o gosto pela leitura é fundamental nessas séries iniciais.

ELABORAÇÃO DO GUIA SILVIA ALBERT (PROFESSORA DE PORTUGUÊS DA ESCOLA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS; PROFESSORA DA COGEE – PUC-SP, EM CURSO SOBRE LEITURA E ESCRITA A DISTÂNCIA PARA PROFESSORES; MEMBRO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DO CAMPUS VIRTUAL DA UNICSUL, MESTRE PELO PROGRAMA DE LÍNGUA PORTUGUESA DA PUC-SP, NA ÁREA DE LEITURA E ESCRITA); PREPARAÇÃO IURI PEREIRA; REVISÃO MARCIA MENIN.

